ZACCUR, Edwiges. Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. In: Regina Leite Garcia (Org.) **Método:** pesquisa com o cotidiano**.** DP&A, 2003, p.177-198.

**Metodologias abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas: alguns apontamentos**

por Mirian Amaral

**Sobre a autora**

**Edwiges Zaccur** é Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1977), tendo realizado doutorado sanduiche na Université Paris VII sob orientação de Julia Kristeva. Atualmente é Professor Adjunto III da Universidade Federal Fluminense. Tem larga experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da linguagem, Leitura e Produção Textual, Cultura e Comunicação, Oralidade e Escrita, Ensino e Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: formação da professora-pesquisadora, ser-leitor, pedagogia dialógica, cultura oral e escrita.

**Sobre a obra**

Nesta obra a autoradiscorre sobre o cotidiano, enfatizando que a pesquisa nesse contexto exige dos pesquisadores em educação outras possibilidades teórico-metodológicas, mais flexíveis, abertas a iterâncias, interações e errâncias cotidianas. Nesse sentido, enfatiza algumas características dessa abordagem, estabelecendo um contraponto aos modelos fechados, ‘engessados’, herdados da modernidade, tendo em vista superar o aprisionamento do cotidiano em categorias prévias e assegurar a pluralidade no tratamento da diversidade que se manifesta na vida.

Abrindo a seção, a autora se vale de uma epígrafe de Mario de Andrade, extraída do livro ‘Rasto atrás’, para afirmar que pesquisar o cotidiano é uma operação de caça, que exige, do pesquisador, atenção, especialmente aos detalhes, o que implica conjugar emoção e razão. Portanto, é preciso mergulhar com todos os sentidos, para que nada escape, pois o cotidiano está sempre em movimento, o que demanda aguçar a sensibilidade e estar permanentemente à espreita para desvelar o que nele se esconde.

Investigando a pluralidade de metodologias, a autora questiona a existência de um caminho único, singular, que separa o sujeito do objeto investigado – o caminho da ciência moderna, em oposição a abordagem dos cotidianos, em toda sua complexidade, que considera a heterogeneidade, não dissocia sujeito e objeto, e é habitado por sujeitos em constante interação com o pesquisador implicado.

Para Zaccur, o cotidiano, no *sentido próprio* significa ‘cada dia’, abrindo-se ao des(encontro), ao im(previsível), ao ir(repetível). No *sentido figurado*, o que é comum, familiar. No entanto, enfatiza, que o que parece repetitivo no processo de repetição, tanto se reitera como se recria, produzindo, por acréscimo ou supressão, iterâncias realimentadoras, por menores que sejam as alterações.

A **percepção do cotidiano como algo repetitivo traz a ideia de opressão e de cansaço** No entanto, ao nos sentirmos oprimidos, **buscamos sua superação.** Fundamos aí a utopia - a sua crítica – transformando “uma cinzenta tarde de segunda-feira”. num “radiante domingo”. E isso só ocorre se desnaturalizamos o olhar para captar o inesperado, aquilo que não se repete. Mergulhar nas redes de ações, representações e saberes, assumindo uma metodologia do efêmero, que revela diferentes modos de sentir e inventar o cotidiano, captados nas narrativas dos praticantes. Desse modo, o que nos interessa discutir é o tempo indomável do cotidiano com suas dobras, suas multiplicidades, sua repetição feita de iterâncias, envolvendo o lado comum, o singular, em meio às relações de poder que atravessam esse ‘*espaçotempo*’.

Desse modo, como assevera a autora, linguagem e relações de poder se imbricam, um jogo de forças é tencionado “envolvendo o sujeito da enunciação, dado que a interação verbal é sempre uma arena de lutas, pois nossos discursos estão impregnados da presença do Outro, seja no modo como dizemos algo ou na entonação que damos ao que é dito, seja na composição dos elementos semânticos, ou mesmo nas palavras selecionadas em função de nossos interlocutores. Nessa pluralidade e entrecruzamentos de vozes, há aspectos intraduzíveis nos contextos dialógicos, como: os risos, os silêncios, os barulhos, os aplausos, as lágrimas, as ausências, o cansaço, a tensão e o tédio pela falta de sentido da ação (que tiveram lugar nos encontros entre pesquisador e pesquisados). Desse modo, o texto resultante do discurso não é uma comunicação ponto a ponto – ‘o eu e o outro’, cada qual com uma história de encontros e desencontros, mas o que resulta, ressoa diversamente para quem o produz a partir da vida e para quem com ele dialoga a partir do vivido.

Nesse ponto, Zaccur faz um contraponto com as metodologias oriundas do modelo de cientificidade da ciência moderna, orientado para obtenção de resultados passíveis de comprovação, indagando se a orientação metodológica preconizada pelas ciências duras – introdução, revisão bibliográfica, metodologia, resultados, discussão e conclusão é se a complexidade cotidiana das relações é compatível com a complexidade cotidiana das relações que se dão no movimento e fluidez dos cotidianos.

A autora destaca três aspectos presentes nos documentos que orientam teses e dissertações, mostrando como acontecem nos dois modelos de investigação

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Aspectos** | **Metodologias outras** | **Metodologia do cotidiano** |
| **Detalhamento metodológico** | Permite a reprodução do experimento como critério de validação | A validação aplicada a pessoas, seria diferente, não regida pela reprodução **do que é**, mas pelo que **pode ser** |
| **Aval à apresentação objetiva dos resultados** | Dissociação entre informações factuais e interpretação como garantia dos resultados obtidos – ver para crer | O pesquisador faz parte da pesquisa; é mais um praticante da pesquisa. Nesse contexto, redes se tecem e se desfazem, produzindo novas conexões. Reverberam processos recursivos, retroativos e projetivo. É impossível conhecer algo sem relacionar quem conhece com o que conhece” – o pesquisador só vê o que compreende. |
| Discussão comparativa dos resultados | Autoriza a emissão de juízo sobre os trabalhos anteriormente produzidos | O cotidiano não é um campo de aplicação do já dado. Nele, o que mais interessa são as invisibilidades. Não há como apresentar resultados conclusivos. Os desafios continuam cobrando respostas e gerando novas questões. |

Em síntese: a pesquisa com os cotidianos nos desafia a fazer ‘com’. Não nos interessa consumir o já-dado e já-pensado. O que interessa é o ‘*fazersaber*’, a prática pedagógica. Os cotidianos da escola se abrem a vida, e a pesquisa dialoga com a vida viva, em movimento. Nesse dinamismo, ‘*práticateoriaprática’, ‘aprendizagemensino’, ‘docênciadiscência’, ‘falaresessaberes’,* tudo junto e misturado, compõem a pesquisa com os cotidianos, que envolve um processo dialético e dialógico de ‘*indagarconhecerindagar’* e ‘*pesquisarensinaraprender’,* conforme enfatiza a autora.